

GT – Povos Originário em América Latina e a Educação

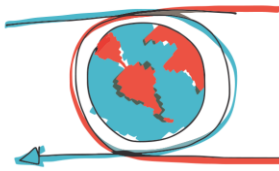
ESCOLA MODERNA X EDUCAÇÃO INDÍGENA: CRÍTICA ROMÂNTICA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

ESCUELA MODERNA X EDUCACIÓN INDÍGENA: CRÍTICA ROMÂNTICA A LA EDUCACIÓN ESCOLAR INDÍGENA

Ivonete Fernandes de Souza Instituto Federal de Estudos e Tecnologia, Salto, São Paulo, Brasil
Edna Rodrigues de oliveira Soares Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, MT, Brasil

RESUMO EXPANDIDO

Ao ler o artigo “Como a noite engendra o dia e o dia engendra a noite: revisando o vínculo da produção mútua entre escola e Modernidade” de Pineau (2008), essa discussão causou-nos uma inquietação sobre o tipo de escola que a sociedade brasileira há séculos tem implantado nas aldeias. Partindo dessa excitação fez-se uma revisão bibliográfica ancorado em Lowy; Sayre (2015); Lowy (1995) e Pineau (2008). Tais literaturas delimitou o objetivo desse estudo que é discutir a crítica romântica de autores indígenas e não indígenas sobre a educação escolar para indígenas. Na concepção de (LOWY; SAYRE, 2015, p. 38 – grifo dos autores), romantismo “[...] *representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno.* Para eles a origem da modernidade coincide com a origem do capitalismo que remonta à Renascença e à Reforma Protestante. A educação escolar nas aldeias é uma reivindicação dos próprios índios, o que também é consenso entre todos os povos é que esta escola deve respeitar o modo de ser de cada povo. Esse estudo analisou 4 das 10 premissas desenvolvidas por Pineau (2008) sobre as quais a Modernidade, em um longo processo, construiu sua compreensão da educação, são elas: **Premissa 1 - A Educação é um fenômeno que ocorre no sujeito autocentrado a partir do qual se irradia:** O sujeito da educação moderna é cartesiano, o que significa que é autocentrado, unitário, racional, consciente de si mesmo. A partir desta concepção, o sujeito preexiste a tudo mais. (PINEAU, 2008, p. 87). **Crítica 1:** Enquanto que para a educação moderna a essência do sujeito é a razão que permite-lhe autocentrar-se único e não replicável, a essência do sujeito da educação indígena não é a razão, mas a sua alma ou espírito (alma e espírito significando algo sobrenatural que forma o indivíduo). A educação indígena inicia no corpo e na alma da criança que são formados segundo o modo de pensar a concepção de cada povo. (MELIÁ, 1979 p. 18). **Premissa 2 - A educação é um fenômeno humano que prescinde de qualquer alteridade:** “O homem é a única criatura que tem que ser educada. Entendo por educação os cuidados, a disciplina e a instrução. De acordo com isto, o homem é criança pequena, educando e estudante” (KANT, 1983, apud PINEAU, 2008, p. 89). **Crítica 2:** Ao contrário do que a escola moderna propõe, a educação indígena, segundo Meliá (1979, p.12), é meio para a manutenção da alteridade dos povos indígenas que “[...] sustentaram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica.” **Premissa 3: Faz-se em alguma instituição de confinamento ou de**



reclusão, de acordo com a população atendida, baseado em uma aliança entre família e escola ou entre Estado e internado: Para Pineau, tal projeto é um vício herdado de duas características dos mosteiros medievais: a lógica espacial, baseada na separação entre o dentro e o fora; e a noção de “espaço educacional total” no qual nada do que ocorre escapa do domínio da pedagogia. **Crítica 3** - Ao contrário do que pressupõe a educação moderna, a educação indígena acontece em todo o tempo e em todos os lugares onde os índios têm acesso, como afirma a Bakairi Taukane (TAUKANE, 1999, p. 59). “A nossa educação se dá através do tempo e do espaço. Desde que acordamos para a clareza do sol, nós aprendemos vivendo.” **Premissa 4: Há saberes básicos que todos os sujeitos têm que ter para pertencer à sociedade:** Para mover-se na sociedade o sujeito moderno deve incorporar um conjunto de saberes considerados indissolúveis, neutros e prévios a qualquer aprendizagem, cuja posse era ao mesmo tempo uma obrigação e um direito. **Crítica 4** – a escola moderna, impõe um *currículo* destituído de todos os saberes tradicionais do povo, sem os quais a sobrevivência física e cultural do povo fica profundamente comprometida. A experiência é relatada por um índio Tukano, ilustra esta crítica “eu sou um dos ex-alunos salesianos, e me lembro muito bem que fomos obrigados a falar o português. (TUKANO, 2008, p. 99). A Modernidade não foi capaz de encarregar-se da definição de educação indígena e enquanto isso perdurar, a relação entre a escola para indígenas e a educação indígena será sempre conflituosa. Portanto, se se almeja oferecer aos povos indígenas uma escola que atenda aos seus anseios, é necessário reinventá-la sem os paradigmas da modernidade, mas segundo as características socioculturais de cada povo.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade, Romantismo, Educação Indígena, Escola Moderna.

REFERÊNCIAS

LOWY, Michel; SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia.** O Romantismo na contramão da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. Romantismo e Messianismo: ensaios sobre Luckás e Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização.** São Paulo: Loyola, 1979.

PINEAU, Pablo. **Como a noite engendra o dia e o dia engendra a noite:** Revisando o vínculo da produção mútua entre escola e Modernidade. Revista Pro-Posições, v. 19, n. 3 (57), Set/Dez 2008.

TAUKANE, D. **A história da educação escolar entre os Kurã-Bakairi.** Cuiabá: n/d, 1999.

TUKANO, A. Política e territorialidade, respeito à diversidade. In. FLÓRIDA, C.; FERNANDES, R. M. (Orgs.). **Tradição e resistência: encontro de povos.** São Paulo: SESC, 2008. (p. 98-100)